

ELITIZAÇÃO, EXCLUSÃO E VIOLÊNCIA NOS ESTÁDIOS.

Luiz Felipe Rosolen Ferro (IC) e Antonio Isidoro Piacentini (Orientador)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

O futebol esporte amado pelo brasileiro, tem refletido os problemas sociais do Brasil, dentre eles a exclusão, uma vez que as classes sociais de baixa renda perderam espaço nos estádios devido a modernização, e a violência. A questão social da violência e exclusão do país é refletida nos estádios também, com brigas, ofensas e outras manifestações. A Pesquisa tem a intenção de mostrar a realidade dos estádios pelo Brasil, comparando com o que ocorre em outros estádios pelo mundo e como a violência está inserida na cultura futebolística do brasileiro, e apresentar as consequências e motivos da violência que ocorre mesmo com as medidas tomadas por autoridade para que ela seja sanada e quais são essas medidas. Provando a final que os problemas como a violência da sociedade, como preconceitos, conflitos políticos, exclusões e diversas manifestações, são refletidas no futebol, pode-se notar que este esporte a tempos engloba todas as camadas sociais fazendo com que ocorram reflexos do choque de realidade que há na sociedade e por meio das proibições impostas apenas se esconde os problemas e não se acha uma solução de fato. Entretanto esta solução existe e o presente trabalho busca esclarecer os pontos importantes para que se chegue à tal.

Palavras-chave: Futebol. Torcida. Violência.

ABSTRACT

Brazilian football, which has been loved by Brazilians, has reflected the social problems of Brazil, including exclusion, since low-income social classes have lost space in stadiums due to modernization and violence. The social issue of violence and exclusion in the country is reflected in the stages as well, with fights, offenses and other manifestations. The research intends to show the reality of the stadiums in Brazil, comparing with what happens in other stages around the world and how violence is inserted in the Brazilian football culture, and to present the consequences and reasons of the violence that occurs even with the measures taken by authority to have it remedied and what those measures are. Proving the problems like the violence of the society, as prejudgement, political conflicts, exclusions and diverse manifestations, are reflected in the soccer, it is possible to be noticed that this sport encompasses all the social layers causing the reflections of the clash of reality that exists in society and through the imposed prohibitions only hides the problems and is not found a solution in fact. However, this solution exists and the present work seeks to clarify the important points in achieving it.

Keywords: Soccer. Supporters. Violence.

1. INTRODUÇÃO

O Futebol é um esporte muito valorizado no Brasil por motivos sociais, de classe, de *status*, de lazer e entre outros. Por esta razão se dá importância de se tratar deste tema e especificamente das consequências e esses efeitos na sociedade, sendo o fanatismo uma das principais consequências, acompanhado de outros sentimentos e possibilidades.

De todo modo, a violência está atrelada ao futebol, ao estádio de futebol e a modernização do futebol. Assim como há violência na sociedade, está também se pode verificar no futebol. Sendo assim são diversos os motivos que levam cenas de brigas para as manchetes dos jornais esportivos, que podem advir de rivalidade históricas entre clubes, questão de regionalidade - sendo até verificada as justificativas mais banais como por exemplo, brigar com torcedores do mesmo time. Sendo assim esta pesquisa visa esclarecer alguns fatos e motivos da violência nos estádios, assim como ideias de possíveis soluções, como o porquê do fenômeno da violência nos estádios, como ele surgiu, como ele ocorre, e o que é feito para que seja diminuído.

Nesse sentido a modernização dos estádios e do futebol em si é vista como um meio de exclusão social, haja vista o aumento dos preços em ingressos, meios de deslocamento até o estádio e entre outros fatores que abordaremos que influenciam para dificultar o acesso do torcedor menos privilegiado economicamente aos estádios.

A Violência assim como o alto custo para se assistir um jogo gera uma exclusão, daqueles que não tem condição para tal e daqueles que se sentem acoados em face da vasta gama de riscos de se encontrar com torcedores mal intencionados ou por acidente acabar se envolvendo em uma briga a qual não teria qualquer tipo de envolvimento.

Por isso, a Exclusão gerada pela violência para alguns pode ser a solução do problema, não permitindo mais a presença de determinadas pessoas no estádio e nem de torcidas em alguns casos (como na proibição das torcidas organizadas ou a proibição de torcida visitante nos jogos). Tendo em vista a situação, o que pode ser e o que já foi feito pela democratização dos estádios, para que o torcedor menos privilegiado economicamente também vá ao jogo e que nenhum sinta medo de ir devido à violência?

Isto sendo dito, em nenhum momento se olvidará da questão da paixão do torcedor pelo esporte favorito do brasileiro: esta "paixão nacional" parece algo simplório e de pouca importância em associação com a mídia e o status social do torcedor médio brasileiro, serão considerados e tomados por base de todo trabalho, provando, por fim, que a exclusão gera a violência e *vice-versa*, e a elitização vem como uma falsa ideia de melhora e/ou solução.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

Quando o futebol chegou ao Brasil trazido pelo inglês Charles Muller, este era um esporte para a classe rica do país para os brancos em sua maioria, porém com o tempo o esporte foi ganhando popularidade e não foi possível controlar que todos acabassem gostando, praticando e torcendo pelo futebol, os grandes clubes de futebol não podiam mais ignorar a camada popular da sociedade, que começava a acompanhar e torcer por equipes de futebol.

Mediante o aumento do público, começa a existir uma discrepância em relação às condições socioeconômicas: o futebol deixa de possuir um perfil hegemônico da classe alta, para se tornar, cada vez mais, popular. Mediante a popularização do futebol, surgem as torcidas, que, na época de 1920, eram citadas pela imprensa como a parte barulhenta, festiva e até desordeira dos espectadores. Com a existência de numerosas torcidas, pode-se observar uma modificação da relação entre espectador e espetáculo, pois o estádio passou a ser segmentado (arquibancadas, cadeiras numeradas e gerais).

As torcidas, geralmente, estavam localizadas nas gerais dos estádios, local inicialmente destinado àqueles que não possuíam vínculo formal com o clube, ou seja, não eram associados. As primeiras torcidas organizadas surgiram em 1940 em São Paulo com a TUSP (torcida uniformizada do São Paulo) e a Charanga Rubro-Negra no Rio de Janeiro com o Flamengo. Foi assim o início da caminhada do futebol para ele chegar nos moldes culturais, sociais e também econômicos dos dias de hoje, acompanhando cada passo da sociedade, desde de sua evolução capitalista, falta de igualdades e o crescimento da violência. (SANTOS, 2004).

A violência é inerente ao futebol, dizendo que o futebol não é um acontecimento que proporciona alívio de tensões acumuladas, mas sim um carregador de tensões que facilita o surgimento de agressões físicas e verbais, tanto nas relações entre jogadores, dirigentes, instituições, como entre torcedores rivais (MURAD, 2012).

A Violência está presente na história do futebol antes mesmo de ser conhecido como futebol, havendo relatos de “jogos com bola” desde o século 12 d.C. (ENCICLOPEDIA MIRADOR, 1989; PIMENTA, 1997) em que se registram mortes na prática do esporte o que acabou resultando até na proibição da prática do esporte.

Os episódios de violência nos estádios não são apenas mérito das torcidas organizadas, mas também do torcedor denominado comum, aquele que não é sócio da organizada.

Não se pode restringir a violência somente ao meio do futebol, ele neste caso apenas espelha e intensifica os traços da sociedade atual, a história do homem é repleta de violência e atos desumanos que não tem relação alguma com o futebol. Para Baudrillard, a violência presente no futebol faz parte não só de tudo que na sociedade envolve a violência, mas também da indiferença e a necessidade de fazer parte de um todo, no caso esse todo é o grupo que abraça o companheiro em qualquer situação, fato que não ocorre com o indivíduo na sociedade, resultando então certa parte da violência na indiferença.

Um relato feito por um membro da torcida organizada “Mancha Verde”, exalta essa questão do companheirismo e indiferença acima posto, ao ser questionado pela acusação de assassinato em um episódio de confronto entre são-paulinos e palmeirenses, o torcedor diz “não sendo amigo meu, tudo bem” (PIMENTA 1997, p. 97), para complementar, o presidente desta mesma torcida também foi questionado e justifica o fato dizendo “qualquer coisa que te faz tirar do sério é como se tivesse agredindo sua mãe ou seu pai. Então você acaba perdendo a cabeça” (PIMENTA 1997, p. 97).

O jogo dentro das 4 linhas apesar de ser de forma menos implícita, também está ligado com a violência fora delas, não só a provocação à torcida, mas também a lenta morte do futebol arte (assim é chamado o estilo de jogo no qual a habilidade vale mais que a força) e o crescimento do futebol força, que é o oposto do futebol arte (SANTOS, 2004, p. 84).

Outra questão que se envolve no quesito é a corrupção de dirigentes e órgãos do futebol, podendo se usar de exemplo a situação pela qual se encontra a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), sem presidente pois o mesmo foi afastado pela Federação Internacional de Futebol por corrupção (FOLHA, 2017). Retto, ex-secretário dos negócios de esportes e turismo do Estado de São Paulo, diz que “torna-se forçoso escancarar que quando grassa a corrupção, envolvendo-se as maiores instituições do nosso sistema social, por reflexo, abrem-se as comportas dos sentimentos de revolta, o que faz sugerir a convicção de impunidade, assim, estimulando e fazer crescer a grande espiral da violência” (RETTO, 1996, p. 40.)

Não é nenhuma surpresa a presença da corrupção no futebol, recorrente entre árbitros, jogadores e dirigentes tanto de clubes como de entidades relacionadas ao esportes, como se pode ver em 2005 quando o árbitro Edilson Luiz Perreira vendeu resultados dos jogos para um apostador alterando o resultado final do campeonato brasileiro. No momento em que foi feita a reorganização depois da manipulação dos resultados, houve muita injustiça, e o que sucedeu esse evento foi um saldo de 3 mortes em menos de 24 horas durante conflito entre torcidas envolvidas pelo sentimento de revolta e buscando através da briga uma solução.

O ensaísta Hans Magnus Enzensberger escreve no livro “Le Monde” que, os criminosos são na sua maioria jovens, eles não depositam nenhum tipo de investimento no futuro (SANTOS, 2004, p. 159-160). Diferentemente dos bandos de tempos passados estas massas atuais contém um sentimento de que nunca seriam afetados pelos acontecimentos, e que podem ser substituídos em qualquer lugar de qualquer maneira, algo semelhante a uma banalização da violência, como se não houvesse consequência para os atos e muito menos algum remorso ou sentimento de empatia, devido ao fato da violência estar presente em todos os aspectos da vida de alguns, e em grande parte dos meios futebolísticos, não se tratando da violência apenas física, mas dela nas suas diversas formas, como por exemplo na corrupção.

A violência advém desta falta de sentido que percorre a sociedade nos dias atuais, a geração violenta se manifesta por não ter razão de ser. A fala do presidente da “Mancha Verde”, Paulo Serdan, reflete isto: ele diz que a torcida está inserida em uma sociedade e é inevitável que haja um reflexo da sociedade nas torcidas, sendo a principal função das torcidas fazer a festa no estádio, todavia, como esta é composta por membros das periferias em sua maioria e por cidadão comuns (entenda-se sem privilégios), o reflexo da sociedade fica claro (PIMENTA 1997, p, 22).

A imprensa, de acordo com alguns, é também um meio responsável pelos acontecimentos violentos, visto isso através da “lógica da aceleração no vácuo”, que incide que, ao se mostrar a violência sucessivamente pela televisão, e pelos demais meios de comunicação, incita-a, na medida e ao mesmo tempo inverte-se os papéis daqueles que estão presentes no estádio, passando os torcedores (que também fazem parte do espetáculo, mas estão ali para ver o jogo) a serem os protagonistas, substituindo os jogadores, pois inventam seus espetáculo violento sob os olhos da mídia e esta veicula para todo o mundo.

A imprensa como se percebe, algumas vezes noticia determinados fatos com certo exagero ou com certa ausência de conteúdo informativo que venha colaborar na compreensão do problema enfocado. Tanto a polícia militar – na intenção de coibir a violência entre grupos de torcedores – quanto a torcida organizada – que atribui a imprensa um caráter mercantilista – reconhece a mídia como sendo o veículo que pode contribuir para fomentar a violência entre as torcidas organizadas, bem como entendem que ela pode servir como instrumento para auxiliar no afrouxamento desses acontecimentos violentos que tem permeado as relações dos jovens torcedores (PIMENTA, 1997, p. 131).

Isto ocorreu, por exemplo no jogo entre Palmeiras x São Paulo no Pacaembu pela Copa São Paulo de Juniores, uma briga entre torcidas até hoje usada de exemplo e que marcou, até hoje é lembrada e suas imagens foram transmitidas ao vivo. O presidente da Gaviões da Fiel e da Mancha Verde e policiais dizem, que a imprensa motiva a violência ao colocá-la como uma das principais notícias no jornal, e que alguns torcedores violentos se

sentem motivados para revidar ou protagonizar a violência sabendo que irão aparecer no jornal tornando-se notícia (PIMENTA, 1997, p. 131)

Não vincular estes indivíduos à mídia poderá fazer com que a motivação de alguns seja ao menos diminuída, como já se fez por exemplo no Uruguai, onde José Mujica presidente do país de 2010 a 2015, proibiu programas de televisão que mostrassem a violência como atração televisiva (CARVALHO, 2015).

Torcedores em geral se baseiam em diversos motivos para a prática da violência, um deles é o narcisismo¹ que motiva a pequena violência em confrontos verbais e físicos, o que está relacionado ao mal-estar da civilização, banalização da violência, impunidade e mídia. Neste caso não se pode dizer que a impunidade decorre da falta de prisão, haja visto que no Brasil está presente a terceira maior população carcerária do mundo de acordo com pesquisa realizada em 2017 pela agência nacional, mas a impunidade citada diz respeito a falta de atitude em momentos-chaves para coibir a violência, e até em momentos em que se tomam atitudes, algumas delas são precipitadas e/ou equivocadas como ocorreu por exemplo no jogo entre Corinthians x Linense pelo campeonato paulista, partida na qual a torcida corintiana entrou com faixas de protestos e no momento da retirada das faixas a ação policial foi truculenta o que gerou conflito. Acerca do mal-estar da civilização, junto do sentimento de revolta, exclusão social e acolhimento do grupo de amigos da torcida, um jornalista chamado Buford, cita um acontecimento com os *hooligans*² ingleses do time Manchester United, diz em seu relato ele:

A adrenalina é um dos componentes químicos mais poderosos do organismo. Vendo os ingleses do lado e os italianos do outro, lembro-me de ter tido rapidamente a impressão de assumir as propriedades de um pequeno helicóptero, erguendo-se a vários centímetros do chão e saindo do caminho de todos, ouviu-se um rugido, um rugido coletivo, e os torcedores ingleses se insurgiram contra os italianos” (BUFORD, 1991, p. 76-77).

O mesmo jornalista relata o prazer e a motivação dos jovens hooligans se envolverem nessas situações, assim como outras gerações usaram drogas em excesso, fumaram demais, beberam demais, para estes grupos, a violência é o pontapé antissocial, que move uma euforia, uma adrenalina e sensação de poder e bem-estar (BUFFORD, 1991). Este relata ainda a felicidade indescritível que todos ali durante o confronto sentiram durante os 4 minutos

¹ Paixão pelo próprio ego, autoadmiração.

² Tipo de torcedor que surgiu na Inglaterra; aquele que se traça de modo específico para se identificar, fica em determinado lugar no estádio, e está sempre disposto a um confronto violento após as partidas de sua equipe.

que durou, algo semelhante a como se aqueles estivessem tomado conta da cidade toda (BUFORD, 1991).

A estrutura de torcidas organizadas no Brasil faz *jus* ao nome, é realmente organizada, estrutura semelhante à do exército, com hierarquia, disciplina, regras de condutas e relações burocráticas, com diretorias, conselhos e sócios (PIMENTA 1997, 2004). Esta se encontra na mesma base das relações normais da nossa sociedade, entretanto nas torcidas organizadas os jovens são acolhidos, ouvidos e respeitados, mesmo que eles transgridam a ordem social estabelecida ou sejam mal vistos fora da torcida (PIMENTA 1997,2004)

De acordo com Heloísa Reis, a violência é uma tendência mundial do futebol espetáculo, “visto que muitos jovens buscam a excitação dos jogos para interromper a monotonia cotidiana”. Alguns fatores contribuem para o surgimento da violência, são eles: perda ou período longo sem títulos por parte do clube; comportamento dos jogadores dentro de campo; forma como a polícia intervém com a torcida e falta de infraestrutura (REIS, 2006,).

A autora também mostra que as principais causas do vandalismo relacionado ao futebol são a existência de grupos fanáticos (identificação simbólica); as decisões de árbitros; as declarações de jogadores, treinadores e dirigentes; as notícias esportivas (meios de comunicação); os bolsões de marginalização social e econômica; a infraestrutura inadequada dos estádios; o consumo de bebidas alcoólicas e drogas; a massificação dos estádios; a falta de controle policial; a não aplicação de normas do esporte; a falta de educação social para o esporte; o sistema de venda dos ingressos; a forma de entrada nos estádios e o pânico (evento de multidão) (França, 2006, p. 1,2). As manifestações violentas que acontecem no mundo do futebol são reproduções do comportamento dos *hooligans* ingleses; mas devemos levar em consideração que cada sociedade possui cultura e característica própria, o que as faz únicas em sua maneira de ser representada por seus integrantes. Crenças, costumes, hábitos e relacionamentos são particularidades de cada sociedade, portanto, não podemos afirmar ou mesmo caracterizar as ações violentas ocorridas no futebol mundial como consequência das atitudes tomadas pelos torcedores ingleses. Não podemos igualar os *hooligans* aos torcedores organizados brasileiros, aos *ultras* europeus³, ou barra-bravas⁴ da América Latina, pois cada um desses grupos tem particularidades semeadas a partir das características de seus países de origem. Cada grupo cultiva um determinado tipo de ideais que os caracteriza e os tornam únicos e conhecidos mundialmente; o envolvimento político (por questões em sua maioria

³ Torcedores que apoiam intensamente sua equipe de predileção, muitas vezes se aproximando do comportamento violento dos chamados *hooligans*, mas se portam de maneira diferente dentro dos estádios.

⁴ É um tipo de movimento de torcedores futebolísticos muito popular na América Hispânica, conhecido por incentivar suas equipes com cantos intermináveis e fogos de artifício. Costumam localizar-se nas arquibancadas atrás dos gols, acompanhando as partidas sempre de pé

racistas) – ideológico dos *hooligans* por exemplo, não é perfil das Torcidas Organizadas brasileiras haja vista que a enorme miscigenação que caracteriza nosso povo não nos permite sentimentos racistas do mesmo patamar que se é visto em estádios fora do Brasil, de fato quando se ocorre discriminação nos estádios brasileiros, são eventos isolados e a simpática recepção de povos estrangeiros não nos torna xenófobos em maioria.

A identidade que as Torcidas Organizadas possuem é algo repleto de significados. Primeiramente quando surgiram tinham como ideia principal o apoio ao time e a superação da torcida adversária por meio das batucadas e cantos; hoje, porém, a torcida adversária é observada como inimiga e rival; contribuindo para que o clima hostil permaneça impregnado nas relações entre as entidades. O membro da torcida organizada cultua com os ideais e as cores da torcida de forma leal e intensa, sendo capaz de se envolver em atos violentos para defender a entidade e aqueles que considera sua família dentro da torcida (PIMENTA, 1997, p. 99)

Alguns representantes do poder público transferem o problema da violência no futebol para as “Torcidas Organizadas” o que demonstra certa fragilidade ao reduzir um problema social à uma única entidade, como fez por exemplo o secretário de segurança pública Luis Fernando Delazari, afirmando que o problema da violência no futebol está na existência das torcidas organizadas e se estas deixarem de existir o problema social está resolvido. Pode-se usar de exemplo a decisão tomada pelo Ministério Público do Estado de São Paulo ao proibir a presença das torcidas organizadas de 2015 até 2017 nos estádios, esta decisão não fez com que a violência deixasse de ocorrer nos estádios, entre torcedores de clubes rivais e entre torcida *versus* polícia, o que acabou ocorrendo foi a não ida dos indivíduos que protagonizam a violência com as roupas que identificam as torcidas, mas os atos violentos não deixaram de ocorrer, pode-se verificar isto vendo os acontecimentos no ano de 2016 em que a proibição estava em vigor, houve um confronto na Zona Leste de S.P. entre a torcida organizada da Sociedade Esportiva Palmeiras, a Mancha Alvi Verde e a torcida organizada do Sport Club Corinthians Paulista, a Gaviões da Fiel, em que um pedestre inocente foi morto⁵. Corroborando com nosso pensamento está Pimenta, ao afirmar que:

a violência produzida na esfera futebolística não permanece apenas no âmbito das Torcidas Organizadas; ela está presente dentro do campo de jogo, nos bastidores, nas relações mercadológicas entre clube/jogador, clube/torcedor, clube/empresa, etc. A violência em questão pode ser explícita quando atinge a integridade física dos agentes que participam do jogo-torcedor, jogador, dirigente, jornalista e árbitro-, através de agressões, e implícita ao promover, nas relações diversas do mundo da bola, manipulação

⁵ Trata-se de notícia veiculada no portal G1, Disponível em: <<http://g1.globo.com/saopaulo/noticia/2016/04/briga-entre-torcidas-deixa-uma-pessoa-morta-na-zona-leste-de-sp.html>>.

dos objetivos pretendidos, em detrimento do esporte e dos atores que dele participam (1997, p. 52).

Sabemos que a violência física não é a única forma de violência que permeia o mundo da bola: a iniciação do jogador, a venda de resultados e os cantos insinuantes entoados pelas torcidas podem representar a violência simbólica presente no ambiente futebolístico. Quanto aos cantos das torcidas eles configuram-se como agressivos e muitas vezes fazem alusão à violência e morte; além disso, normalmente estão vinculados às torcidas adversárias, como sinônimo de intimidação e/ou autoafirmação. Porém não são só torcedores adversários os alvos dos cantos; a Polícia é destinatário principal dos insultos, mesmo sendo mediadora dos conflitos envolvendo torcedores de futebol. A relação entre Torcidas Organizadas e Polícia é um tanto quanto conflituosa visto que, a autoridade policial não é vista como benéfica diante dos indivíduos pertencentes às "TO's" e por parte da sociedade (FERRAZ, 2009).

Uma análise feita a partir do clássico *Coritiba Foot Ball Club x Clube Atlético Paranaense*, mostrou claramente a situação de um dia de clássico para a torcida, polícia, e a cidade, somente no ano de 2009 foram 67 ônibus depredados nos dias de jogos entre as duas equipes antes e depois da partida e um dos fatores fora os inúmeros fatores já citados aqui que contribuem para essa violência, é a presença de "comandos" das torcidas espelhados pela cidade, esses comando são subdivisões de membros da torcida feitos em determinados bairros da cidade, e como os membros das torcidas são muitos, e a cidade é grande, a polícia militar e também os diretores das torcidas não conseguem controlar todas estas sub sedes em um dia de jogo em que todas saem para a cidade e algumas com o intuito de provocar violência (FERRAZ, 2009).

Dentro das próprias torcidas há a violência por disputa de poderes, respeito, nome e etc, como se fosse inevitável que ocorra a violência, mas ao mesmo tempo isso ser inevitável não quer dizer que é malvisto, como já dito, para alguns é uma sensação de prazer, lazer, necessidade. Um exemplo do tipo de violência que ocorre sem a rivalidade das camisas de futebol, é o que ocorreu no dia 17 de setembro de 2010 em uma lanchonete que se localiza no estádio Arena da Baixada, segundo as notícias⁶ do dia seguinte, torcedores da "Ultras" (uma das organizadas do time Atlético Paranaense) comemoravam 18 anos de torcida quando integrantes da torcida "Os Fanáticos"⁷ chegaram ao local e iniciaram a confusão quebrando diversos objetos; só pararam após a chegada da polícia ao local (BONIN, 2011, pp. 41-42). Não é de hoje que ao se pensar em uma solução para algo, um problema pessoal, um problema em um bairro, em uma comunidade, aquele indivíduo que vive disso ou para isso,

⁶ Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/esportes/conteudo.phtml?id=1047903>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

⁷ Torcida organizada do time de futebol Clube Atlético Paranaense.

não vê no Estado um poder de solução de qualquer tipo de conflito que seja eficaz a ponto de finalizar o assunto e a violência vem como consequência e resposta para essa ineficiência, o que se vê no futebol muitas vezes é isso, o time não joga bem se faz protestos algumas vezes com violência, a diretoria do clube erra, se toma o mesmo caminho e assim também em relação a autoridades e rivais. Não há uma representatividade e uma confiança para que os indivíduos se vejam na segurança de não precisar partir para a violência, uma vez que a violência está banalizada e presente no cotidiano da maioria dos brasileiros

Os embates sobre o controle da violência no futebol que permeiam a relação entre poder público, torcedores e clubes de futebol são marcados pelas acusações de ambos se justificando quanto a responsabilidade de cada um diante dos fatos. Para Pimenta, o fenômeno da violência no futebol está relacionado a inúmeros fatores de ordem econômica, política e social, mas acrescenta que a “ausência do Estado”, no que tange as práticas de políticas públicas e a desconstrução da organização do tecido social no Brasil também representam fatores importantes para que o fenômeno permaneça como assunto contemporâneo:

A pretensão é, mais uma vez, reforçar a ideia de que a urbanização e a industrialização desarticuladas, bem como a ausência do Estado, enquanto gestor de políticas públicas, são fatores importantes que contribuíram à construção desorganizada do tecido social brasileiro, possibilitando a abertura das portas para o surgimento de um novo sujeito, não limitado às classes mais desfavorecidas. Sujeito violento, carente e alienado que - no sentido político e cultural do termo – busca sua identidade social e autoafirmação, lançando mão da violência e da agressividade.

O Estado detém o monopólio do uso da força e da violência e exerce isso por meio da polícia militar, e essa relação quando se diz respeito aos torcedores é por muitas vezes conflituosa, este relacionamento está atrelado a ideia de que “violência gera mais violência”, ou seja, ambas as instituições agem de forma violenta em relação uma com a outra. Os torcedores reclamam que a polícia tem um comportamento agressivo, a Polícia em contrapartida se defende caracterizando como “torcedor de futebol” aquele indivíduo “que se dirige ao estádio para torcer pelo seu time” (PIMENTA, 1997, p. 114)

A partir do momento que o torcedor praticou algum delito, o “tratamento dado a ele é o tratamento dado a quem qualquer indivíduo delinquente” (PIMENTA, 1997, p. 113). Alguns policiais são bastante claros em sua posição quanto a este assunto: um policial do 2º BPChq de São Paulo relatou que “um torcedor que agride uma pessoa que ele não conhece, apenas porque o outro torce para outro time, não tem qualificação, deve ter o mesmo tratamento como retorno” (PIMENTA, 1997, p. 114).

Com tantos problemas acerca apenas da violência no futebol o Estado mesmo que sem credibilidade neste meio, criou ferramentas para que se pudesse coibir as falhas na

transparência da organização e promoção do espetáculo esportivo, incidentes violentos nos estádios e em seus arredores e infraestrutura inadequada para atender o torcedor, foi feito o Estatuto de Defesa do Torcedor (Lei nº 10.671/03). A intervenção do Estado no futebol sob a forma do EDT, não foi a primeira interferência do Estado no futebol brasileiro. Segundo Mezzadri (2008) essa prática teve início com o Decreto Lei n. 3199 de 1941 que estabelecia as bases de organização dos desportos em todo o país (BONIN, 2011, pp. 54-55).

A partir da década de 70 o futebol passou por um intenso processo de profissionalização que culminou na segunda intervenção estatal através da Lei do Passe 55 em 1976 que estabelecia a relação de trabalho entre atleta e seu clube. A abertura política proporcionada ao país a partir da década de 80 auxiliou na formulação da Lei Zico em 1993, que fortaleceu a iniciativa privada e reduziu a interferência do Estado no futebol. Na sequência surgiu a Lei Pelé que priorizou os jogadores de futebol e deu a eles mais autonomia.

Como consequência da profissionalização presente nesse esporte houve a transformação do futebol em espetáculo esportivo e proporcionou a elaboração da lei que viria priorizar o torcedor de futebol, agora como consumidor do espetáculo. Por fim, a última interferência do Estado no futebol prevista em lei ocorreu em 2006 com a criação da *Timemania* que veio auxiliar os clubes brasileiros (BONIN, 2011, p.55).

2.1 O ESTATUTO DE DEFESA DO TORCEDOR

Dentre as intervenções citadas anteriormente vamos nos ater no E.D.T. (estatuto de defesa do torcedor) por ser aquela que mais está ligada ao fenômeno da violência que assola o futebol brasileiro. No seu capítulo IV, o estatuto trata da segurança do torcedor que participa do evento esportivo: no artigo 13, o qual inicia o capítulo, estão presentes as condições que o torcedor tem para entrar e participar o do jogo e no artigo seguinte como o clube detentor do mando de campo deve se organizar para realização do evento.

Há diversas críticas para certas normas previstas nesta lei que dizem respeito ao que o torcedor pode adentrar ao estádio ou não, autoridades e, jornalistas e comentaristas se dividem com prós e contras, o M.P. assume-se a favor de proibições com finalidade de evitar brigas e quaisquer atos violentos, Mauro Cezar Pereira, jornalista e comentarista esportivo do canal televisivo “ESPN” se coloca ⁸contra diversas medidas tomadas como a proibição das bandeiras que a alguns anos eram artefatos tradicionais juntos de fogos de artifícios, foram proibidos pela lei assim como o consumo de bebidas alcoólicas, fato este que segundo alguns torcedores e pesquisas gerou uma maior elitização, porém com a intenção de diminuir a

⁸ Entrevista do jornalista ao jornal online “O canto”: <http://www.ocantodastorcidas.com.br/o-cantoentrevista/o-canto-entrevista-mauro-cezar>.

violência, o que ocorreu, mas não devido a proibição de objetos mas sim a uma punição para o time e o indivíduo que não cumprisse o que está previsto na lei (O CANTO, 2016).

No artigo 39-A do referido Estatuto, está presente uma punição para a torcida organizada que promover tumultos, com pena de afastamento do estádio, pagamento do prejuízo causado e inclusive uma possível reclusão. Uma das medidas que surgiram para efetivamente punir os torcedores de futebol infratores foi o Juizado Especial Criminal instalado dentro dos estádios. Esse Juizado conta com um juiz e dois servidores, além de representantes do Ministério Público, da Defensoria Pública e da Ordem dos Advogados do Brasil. As medidas preventivas e punitivas representam o controle que o Estado – detentor do monopólio da violência física – exerce sob a vida de seus cidadãos, as penalidades previstas no Estatuto de Defesa do Torcedor seriam eficazes e possivelmente serviram para apaziguar o problema social da violência, porém, o não cumprimento da legislação ou a grande quantidade de subterfúgios disponíveis para a defesa contribuiu para que a impunidade prevaleça. (SILVA, 2017, pp. 27)

A partir do momento que o indivíduo fosse responsabilizado e punido por seus atos violentos no futebol, principalmente quanto à proibição de comparecimento ao estádio em dias de jogos em que seu clube estivesse atuando, provavelmente se teria uma diminuição bastante significativa no número de incidentes violentos dentro e fora dos estádios de futebol se houvesse uma reeducação. Esta reeducação não acontecendo, mesmo que a pena fosse mais severa e não fosse substituída por pena alternativa (pois é o que ocorre devido ao tempo de reclusão de no máximo dois anos) talvez se poderia reduzir significativamente as ocorrências.

Este estatuto define que o poder público e o privado são responsáveis pelo combate à violência no estádio, isso gera alguns embates quando se diz respeito a responsabilidades de cada parte, por exemplo, uma federação estadual proíbiu junto a polícia militar a entrada de um indivíduo no estádio, mas o clube não participa dessa fiscalização e por algum erro de uma das partes o sujeito entra no jogo normalmente, mesmo depois de responder por um ato ilegal e estar proibido de entrar no jogo, o que gera aos torcedores uma sensação de poder fazer o que bem entender, não havendo punição e nem reeducação depois de cometido o ato. É importante ressaltar que ao se tratar do arremesso de um objeto ao campo, um tumulto no dia de jogo ou até uma briga, não é o ideal que o indivíduo seja preso por anos equiparando a pena do seu crime a de um assaltante, traficante e etc, pois isso geraria uma sobrecarga ainda maior no sistema prisional brasileiro e a reeducação nunca aconteceria (SILVA, 2017).

Nos últimos 17 anos, até fevereiro do presente ano, já haviam sido confirmadas 177 (cento e setenta e sete) mortes onde a motivação advém de conflitos entre torcidas organizadas. O número de 10 mortes por ano é preocupante, o que traz a necessidade de

uma maior atenção das autoridades públicas e dos próprios clubes que as torcidas organizadas estão ligadas. Desde 1990, 90% das mortes ocorreram fora dos estádios, sejam nos seus arredores ou em encontros entre membros de torcidas organizadas rivais, o que acaba dificultando a identificação dos envolvidos. Segundo o Ministério do Esporte, de todos os casos que envolvem violência no esporte, apenas 3% dos envolvidos são condenados (SILVA, 2017, pp. 55-63).

O reflexo do sistema judiciário brasileiro não deixa de afetar também a Justiça Desportiva, como explicitado no parágrafo acima. Em um levantamento feito pelo Conselho Nacional da Justiça, o estudo “Justiça em Números”, a cada 100 processos que aguardam julgamento, apenas 28,6% são julgados. O estudo foi divulgado em 2016, tendo como ano base 2015.

O estatuto do torcedor pune e busca se prevenir em relação aos atos violentos, mas o sistema judiciário inchado de processos não contribui para uma eficácia, o desporto na Constituição Federal está presente no seu artigo 217, e no inciso IV coloca-se que é dever do Estado a proteção e o incentivo às manifestações desportivas de criação nacional e da autonomia para as entidades esportivas organizarem o funcionamento do evento (BRASIL, 1988).

Quanto aos jogos que são feitos com torcida única, ou seja, apenas com a torcida do time mandante? O fato é que existem várias torcidas organizadas de um mesmo clube, o que pode gerar brigas entre si, portanto, a torcida única não irá efetivamente acabar com a violência nos estádios, irá apenas diminuí-la. A “torcida única” é defendida como uma medida emergencial. O jurista desportivo Marcilio Krieger, no entanto, é contra esta medida: para ele, é, em verdade, “uma forma de segregação que a constituição não permite, além de ser uma declaração da falência do estado para manter a tranquilidade social”.

Essa é uma discussão importante, uma briga de lados extremos, mas não será com torcida única que a violência será coibida. Isso tira o direito de um inocente assistir a um jogo, embora ele não tenha agido de forma contrária à lei (SILVA, 2017).

A lei número 9.615/1998 (lei desportiva) em seu artigo 2º traz os princípios do desporto, colocando em destaque o III, em que temos:

Art. 2º: O desporto, como direito individual, tem como base os princípios: (...)

III - da democratização, garantido em condições de acesso às atividades desportivas sem quaisquer distinções ou formas de discriminação.

Ora, esse princípio do Desporto Nacional garante aos torcedores que não haja quaisquer tipos de discriminações e distinções, o que pode ser aplicada em relação aos jogos de futebol em estádios com torcida única.

Portanto, sendo o futebol um direito social garantido no sistema normativo brasileiro, não devem ser admitidos tratamentos díspares ou imposições sub-humanas aos torcedores, ao contrário, deveria se fomentar o seu acolhimento, a oferta de condições mínimas de segurança ao cidadão que o prestigia (SILVA, 2017).

Há outras medidas, como, por exemplo, deixar que uma torcida saia do estádio antes que a outra. Na prática, também não funciona, pois, muitas vezes, a torcida que é liberada antes é a torcida do time do estádio, e, depois os torcedores do clube visitante são liberados para sair a saída. Essa tática não impede que o torcedor da casa fique nas vias que cercam os estádios esperando os rivais.

Em 2015, o Juiz Marcello Rubioli, frente ao Juizado do Torcedor e dos Grandes Eventos do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, defendeu não haver uma “solução salvadora” para que as brigas nos estádios de futebol cessem. O magistrado citou em uma entrevista⁹, inclusive, que uma das medidas a ser adotada deveria ser o banimento das torcidas organizadas. O Juiz, na entrevista, colocou em pauta a falta de interesse em combater a violência nos estádios, o que ocorre somente quando acontece algum caso que chame atenção da sociedade e das autoridades.

A crítica é válida pois não há a prevenção e a precaução quanto às violências ocorridas não só nos estádios de futebol, mas também fora deles. O Estatuto do Torcedor traz, em seu capítulo XI-A, os crimes e suas respectivas penas para os torcedores que praticarem algum dos crimes elencados no artigo 41-B ao 41-G. (SILVA, 2017, pp. 36-37)

O estado ausente e despreparado gera problemas na sociedade e isso ocorre também no futebol. O público que frequenta os estádios de futebol, em diversos campeonatos e séries, é singular, aqueles que ignoram o medo da constante violência nas arquibancadas, os apaixonados pelos seus times e os associados a torcidas organizadas. A ação policial pode envolver bombas de efeito moral e balas de borracha, ambas são disparadas em direção à confusão, onde podem estar presentes crianças e idosos. O Estatuto do Torcedor, em seus artigos 26 e 27 coloca em evidência a responsabilidade da liga organizadora do campeonato, dos clubes, em conjunto com o Poder Público, com o transporte seguro para os torcedores, incluindo não só dentro dos estádios, como também suas imediações.

O parágrafo único do artigo 27, por sua vez, traz uma exceção: “o cumprimento do disposto neste artigo fica dispensado na hipótese de evento esportivo realizado em estádio com capacidade inferior a 10.000 (dez mil) pessoas.” A pergunta que surge, deste contexto, é: porque é vetado em casos de público inferior a 10 mil pessoas? Qual é a justificativa para

⁹ Entrevista disponível em: <<http://zip.net/bmtH7G>>.

essa exceção? Por exemplo, a média de público pagante¹⁰ no Campeonato Catarinense de Futebol de 2017 foi de 2.986 (duas mil novecentas e oitenta e seis) pessoas; já a média do Campeonato Carioca, do mesmo ano, ficou em 4.323 (quatro mil trezentos e vinte e três). Pode-se chegar a conclusão de que essa exceção não deveria ser aplicada. Há a necessidade de um plano de estudo para cada jogo a ser realizado, individualmente, levando em consideração o histórico de partidas que envolveram as equipes confrontante, como também, suas respectivas torcidas. Cada partida de futebol tem suas peculiaridades e necessidades, não se deve tomar decisões que dizem respeito a segurança do torcedor por número de ingressos vendidos. (SILVA, 2017, pp. 38-39).

Haverá evolução no futebol e pacificação nos estádios quando pudermos encontrar mais atitudes e menos omissões; maior oferta do que cobranças; mais organização do que improvisos; maiores exemplos do que exigências; mais respeito que subestimações (Ricardo de Moraes Cabezon). Há para uma comunicação sadia e sincera a Associação Nacional das Torcidas Organizadas (ANATORG), que tem como lema “falo conosco e não sobre nós”, esta instituição tem como membro apoiador o Ministério do Esporte e seu intuito é tentar diminuir a violência nos estádios e demonstrar que a violência e a diminuição de espectadores nos estádios de futebol não são culpa singular das torcidas organizadas.

Nas palavras do presidente da ANATORG, André Azevedo,

Quando falamos de torcidas organizadas, a primeira coisa que nos vem à cabeça infelizmente é violência, mortes, marginais, desocupados e outros adjetivos. Ao menos é isso que todos querem induzir a pensar. (...). Escutamos que as pessoas não vão mais aos estádios devido à violência e para essas pessoas nós dizemos: por favor, não vá mais à praia no domingo e nem a bares à noite, pois lá também está constatado que é tão ou mais perigoso do que ir ao futebol. (...) são fontes intermináveis de problemas no futebol, mas o bode expiatório de tudo isso somos nós, os torcedores organizados. E por falta de conhecimento a sociedade compra essa ideia.

Outro objetivo da referida associação é fomentar diálogos entre torcidas organizadas que são rivais para que, a longo prazo, o relacionamento das mesmas possa melhorar e cooperar com a diminuição das brigas dentro e fora do estádio. André Azevedo defende ainda que as torcidas organizadas são uma extensão da nossa sociedade, onde há a violência. O ponto principal da ANATORG é a reeducação das torcidas organizadas, a associação defende a individualização do torcedor que age com violência, que não seja punida toda a torcida organizada. (SILVA, 2017, pp. 48-50).

¹⁰ Site esportivo que divulga a média de público de todos campeonatos nacionais, cujo acesso é disponibilizado em: <<http://app.globoesporte.globo.com/futebol/publico-no-brasil/>>.

2.2 ELITIZAÇÃO E MODERNIZAÇÃO

Elitizar que dizer tornar algo acessível apenas para determinada camada da sociedade, neste caso a elite, já a modernização, que no caso dos estádios está inserida na elitização, significa adaptar-se aos tempos modernos

Não só a violência que exclui, segrega e afasta o torcedor do estádio. Uma pesquisa realizada pelo canal esportivo de Tv fechada "Sportv" mostra que o ingresso brasileiro é o mais caro do mundo e o cidadão que ganha um salário mínimo precisa em média trabalhar 11 horas no mês para entrar no estádio, enquanto por exemplo o cidadão e torcedor alemão, leva menos de duas. O *Profut*, sancionado por Dilma Rousseff em 4 de agosto de 2015 com a lei nº 13.155, determina que clubes de futebol, aqueles que decidirem renegociar suas dívidas fiscais com o governo, mantenham "oferta de ingressos a preços populares".

Não especifica nem quantos bilhetes, nem a que preço. Mas deveria. O ingresso brasileiro é o mais inacessível do mundo para a camada socioeconômica mais baixa da população de acordo com a pesquisa feita pela revista "época"¹¹. Um torcedor brasileiro precisa trabalhar dez horas e 18 minutos para comprar um ingresso, o mais barato, do Cruzeiro. Se o sujeito quiser ir ao Mineirão todo domingo, precisa dedicar quase um quarto da carga de trabalho semanal só para comprar a entrada. Sem considerar transporte, talvez estacionamento, alimentação dentro ou fora do estádio. Um alemão, no lado oposto, tem de ficar na labuta uma hora e 48 minutos para assistir a uma partida do Bayern de Munique (CAPELO; TARAKDJIAN, 2015,).

Talvez a Alemanha não seja a comparação mais justa, pois lá existe a filosofia de perder alguma receita no fim da temporada em prol de uma arena plenamente ocupada. Mas o Brasil é menos acessível do que todos os outros principais países do futebol, por exemplo quando se compara com a França, país no qual se tem uma das cargas de trabalho mais baixas da Europa: um francês trabalha 2 horas e 36 minutos para poder ver um jogo do *Paris Saint-Germain*. Um inglês, no território onde a camada mais pobre da população vê futebol pela TV a cabo e ingressos são reconhecidamente caros, leva seis horas e 18 minutos por uma partida do Chelsea. (CAPELO; TARAKDJIAN, 2015). O ideal, para um estádio de futebol, é que o preço do ingresso seja alto suficiente para que o mandante consiga dinheiro para investir em atletas, mas baixo suficiente para que o estádio esteja totalmente ocupado.

¹¹ Material disponível à consulta em:

<<https://epoca.globo.com/vida/esporte/noticia/2015/08/elitizacao-do-futebol-ingresso-brasileiro-e-o-mais-inacessivel-do-mundo.html>>.

Há mais variáveis, sabe-se, que atraem ou afastam torcedores: desempenho do time, ídolo(s), acesso à arena, segurança, conforto, dia, horário, clima, fase do campeonato, se são campeonatos de pontos corridos, ou da modalidade “mata-mata”. Mas é fato que o preço é um fator determinante: o clube São Paulo Futebol Clube, em 2013, quando baixou preços de ingressos de R\$ 26 para R\$ 11, em média, aumentou a média de público do Morumbi de 8.500 para 29.800 por jogo (CAPELO; TARAKDJIAN, 2015). Isso mostra claramente a diferença que faz R\$15,00 na vida da maioria dos cidadãos brasileiros, e mais uma vez a realidade social é refletida mesmo que indiretamente no futebol.

As Arenas do país têm comumente sua lotação completamente preenchida. Quando começam as vendas, primeiro se costuma esgotar o setor que tem entradas mais baratas. Depois, o seguinte. Depois, o seguinte. Se a primeira faixa de preço é cara demais para o torcedor que ganha um salário mínimo, ela é ocupada por outro, e este deixa de pagar pelo setor seguinte. O resultado é que, na hora do jogo, as arquibancadas com ingressos mais caros geralmente as que ficam visíveis durante a transmissão da partida pela TV, ficam vazias. O Corinthians passa por isso em Itaquera. Os clubes Atlético Mineiro e Cruzeiro, no *Mineirão*. O Palmeiras, no *Allianz Parque*. Em resumo: estádio precisa ser setorizado, e as faixas de preço dos ingressos precisam atender a todo tipo de público, do popular à elite, até encher a casa.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tempos o futebol deixou de ser um jogo “clube *versus* clube” e passou a ser também “torcida *versus* torcida”, isto porque a violência caracterizou-se como parte intensa do cotidiano urbano contemporâneo, em especial dos grandes centros e uma pista importante para o entendimento do fenômeno é que a repressão (policial, legal, etc.) pode contribuir para manter ‘suposta ordem social’, mas não evita que o deslocamento dessa massa jovem para outros movimentos de busca de prazer e de excitação (PIMENTA, 1997, p. 52).

Há um meio de dialogo existente parente o Estado, as torcidas e os clubes, e não se pode rotular os torcedores como delinquentes e nem culpar todo um grupo pelo ato de uma minoria ou de um só indivíduo, quando está generalização da violência acontece por parte de autoridades públicas responsáveis se está indo contra o princípio da individualização da pena, o qual diz que no processo penal a pena deve ser individualizada mesmo que o crime seja o mesmo. As torcidas organizadas, que geralmente são apontadas como responsáveis pelo problema da violência, a ANATORG tem um importante papel no que diz respeito ao diálogo entre torcidas e uma visão ampla sobre o tema, o presidente da associação, André Azevedo, que se as pessoas deixam de ir aos estádios por causa da violência, essas também deveriam deixar de ir à praia, bares e sair na rua de noite, pois a violência não é exclusividade do futebol. O ponto principal da ANATORG é a reeducação das torcidas organizadas, a associação defende a individualização do torcedor que age com violência, que não seja punida toda a torcida organizada. (SILVA, 2017).

Em uma enquete feita pelo canal de Tv fechada “Sportv” ¹²mostrou-se que, para 43,3% das pessoas que votaram, os ingressos caros são o que mais afasta o torcedor dos estádios, seguido pela violência, que recebeu 37,8% dos votos; a má qualidade dos jogos obteve 12,0% e a má qualidade do transporte público, lanchonetes e banheiros recebeu apenas 6,71% dos votos, o que mostra, mais uma vez, que o maior motivo da exclusão de uma determinada camada de torcedores do estádio é a elitização e a violência. Fato é que o preço do ingresso é um fator determinante para a presença do torcedor (CAPELO; TARAKDJIAN, 2015), mas o que freia certas medidas é a paixão pelo consumo e o consumo pela paixão, o marketing e o lucro dos times, que, recentemente tem de ser tão bom quanto o desempenho no campeonato, o que torna o fenômeno da elitização ainda mais poderoso (EALLE, 2016) e aumenta a exclusão e a violência como consequência.

¹² Matéria Disponível à consulta em:
<<http://sportv.globo.com/site/programas/arena-sportv/enquete/o-que-afasta-o-torcedor-dos-estadios.html>>

O direito não positivado, como os acordos entre torcidas rivais e clubes, com a intervenção da ANATORG e das autoridades responsáveis, se mostraram a melhor maneira de buscar uma solução para tão complexo problema.

4. REFERÊNCIAS

BONIN, Ana Paula Cabral. **Ações públicas e privadas destinadas ao combate a violência no futebol: o caso do jogo entre coritiba foot ball club e fluminense football club.** 2011. 126 f. tese (mestrado)- Curso de Educação Física, Ufpr, Curitiba, 2011.

HRYNIEWICZ, Roberto Romeiro. **Torcida de futebol, alienação, adesão e violência.** 2008. 167 f. - Curso de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

OURIQUES, Nilson Domingues. **A modernização conservadora do futebol nacional.** 1998. 171 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/sc, 1998

PALHARES, Marcelo Fadori Soares. **Violência no futebol brasileiro: os discursos de torcedores organizados.** 2015. 302 f. tese (mestrado) - Curso de Pedagogia, Universidade do Estado de São Paulo, Rio Claro, 2015.

REALE, Getúlio Sangalli. **Paixão pelo consumo e consumo pela paixão: a relação entre produtores de marketing e os consumidores no contexto do futebol.** 2011. 149 f. Tese (Doutorado) - Curso de Administração, Univerdidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/rs, 2011.

SALDANHA, Renato Machado. **Placar e a produção de uma representação de futebol moderno.** 2009. 98 f. - Curso de Educação Física, Univerdidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/rs, 2009.

SILVA, Ludymilla Kuhnen da. **Torcidas organizadas: causas sociais e a (in)eficaz legislação brasileira.** 2017. 62 f. - Curso de Direito, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/sc, 2017.